

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

POESIA MARGINAL DOS ANOS 70: A PRODUÇÃO POÉTICA DE NICOLAS  
BEHR

Carolina de Almeida Silva

GOIÂNIA, 2º SEMESTRE, 2015

Carolina de Almeida Silva

POESIA MARGINAL DOS ANOS 70: A PRODUÇÃO POÉTICA DE NICOLAS  
BEHR

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como componente curricular da 3ª série do  
Ensino Médio do Centro de Ensino de  
Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE -  
para a conclusão do Ensino Médio.

Orientadora: ProfªDrª Célia Sebastiana Silva

GOIÂNIA, 2º SEMESTRE, 2015

“- É o foga mota da pesquisa do jornal jota brasil. gostaria de saber suas impressões sobre essa tal de poesia marginal.

- ahhh... a poesia. a poesia é magistral. mas marginal pra mim é novidade. você que é bem informado, mi diga: a poesia matou alguém? andou roubando, aplicou algum cheque frio, jogou alguma bomba no senado?”

(Chacal, “Alô, é Quampa?”)

## POESIA MARGINAL DOS ANOS 70: A PRODUÇÃO POÉTICA DE NICOLAS BEHR

Carolina de Almeida Silva - CEPAE-UFG  
Orientação: Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Célia Sebastiana Silva - CEPAE-UFG

### RESUMO:

O presente trabalho tem o propósito de analisar o movimento sociocultural literário Poesia Marginal, que esteve presente no Brasil na década de 70 do século vinte. Para uma melhor compreensão e abordagem do tema, alguns poetas foram selecionados para exemplificar as características dessa poesia ao longo do desenvolvimento. Deu-se, ênfase, porém, a um poeta marginal em específico com o objetivo de evidenciar, em seus poemas, como se materializa esse movimento estético. Trata-se de Nicolas Behr. Foram selecionados dois de seus livros *Vinde a mim as palavrinhas* e *Restos Vitais*. O critério de escolha foi justamente por terem sido produzidos no período da Poesia Marginal.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia marginal. Nicolas Behr. Anos 70.

### **Panorama do movimento da poesia marginal no Brasil dos anos 70**

O período de transição da década de 60 para 70 foi muito significativo, marcando uma virada intelectual e política. Em 1968, configurado em um momento de profunda crise social e artística, surge um movimento sociocultural denominado Poesia Marginal, composto por indivíduos de diferentes gerações, diferentes posições econômicas, mas tomados por uma mesma ideia, a contracultura.

Segundo o autor Carlos Alberto Messeder Pereira (1981), autor de *Retrato de época*, a contracultura é um conjunto de valores e ideias que está “fora” da cultura, rompendo com a cultura dominante. Dessa forma, a contracultura, na poesia, torna-se uma crítica ao padrão poético, estético e conteudístico. Os autores do movimento declaravam-se marginais e se preocupavam com o modo de transmissão da mensagem, não com a estética do poema.

Mas, que eram esses autores? Há uma grande variedade no contingente de poetas, muitos eram jovens, menores ou maiores de 20 anos, que estavam cursando a faculdade. Outros tinham de 30 a 40 anos e muitos desses já profissionalizados eram professores universitários, especialmente da área de ciências humanas e sociais, trabalhavam com

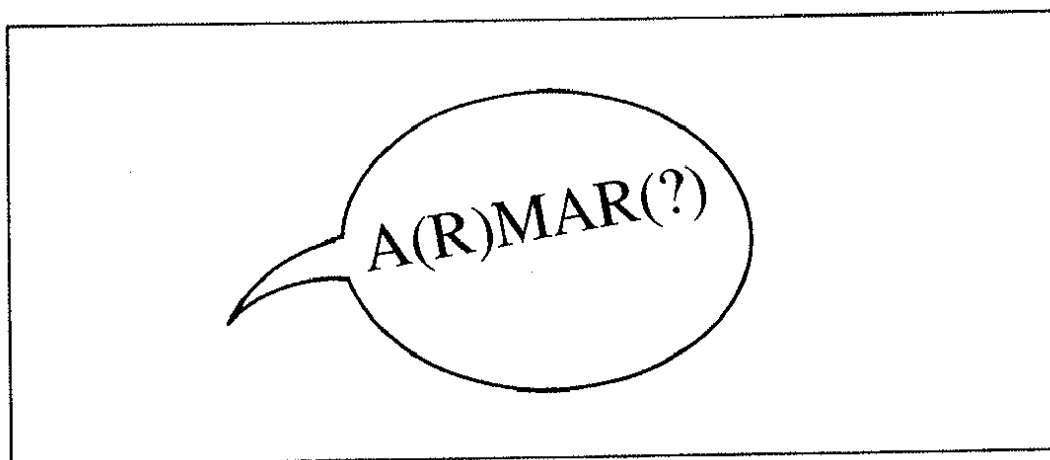
atividades ligadas à publicidade, editoração de livros e jornais, jornalismo e alguns eram ligados às atividades artísticas, como música e teatro. Muitos poetas também já produziam poesia e não se identificavam com a vanguarda, movimento anterior ao da Poesia Marginal.

Alguns poetas são muito conhecidos atualmente como a Ana Cristina César, Cacaso, Chacal e Nicolas Behr, autor que terá algumas de suas obras da década de 70 analisadas neste trabalho.

O movimento marginal também ficou conhecido como Geração Mimeógrafo. Esse instrumento – o mimeógrafo - era usado para reproduzir grandes números de livretos com baixo custo.

Apresentavam um forte caráter de improviso e de precariedade; o padrão de impressão, o padrão gráfico em geral não estava, absolutamente, de acordo com os padrões nacionais e internacionais de ‘qualidade’ e ‘bom gosto’. (MESSENDER, 1981, p 38).

Os livretos burlavam o modo de produção de um livro, o processo editorial, de revisão e configuração praticamente não existia, muitos livretos eram produzidos, mas inacabados, e vendidos em portas de bares, restaurantes, teatros, cinemas e até mesmo em praças, de mão em mão pelo próprio autor ou por amigos do mesmo. No Rio de Janeiro, esse comércio era realizado principalmente na zona Sul do Rio, como em Copacabana, Leblon, Ipanema. Mas também na Zona Norte e no subúrbio do Rio, também eram produzidos panfletos com poemas e distribuídos para as pessoas nas ruas.



(Marcos Silva)

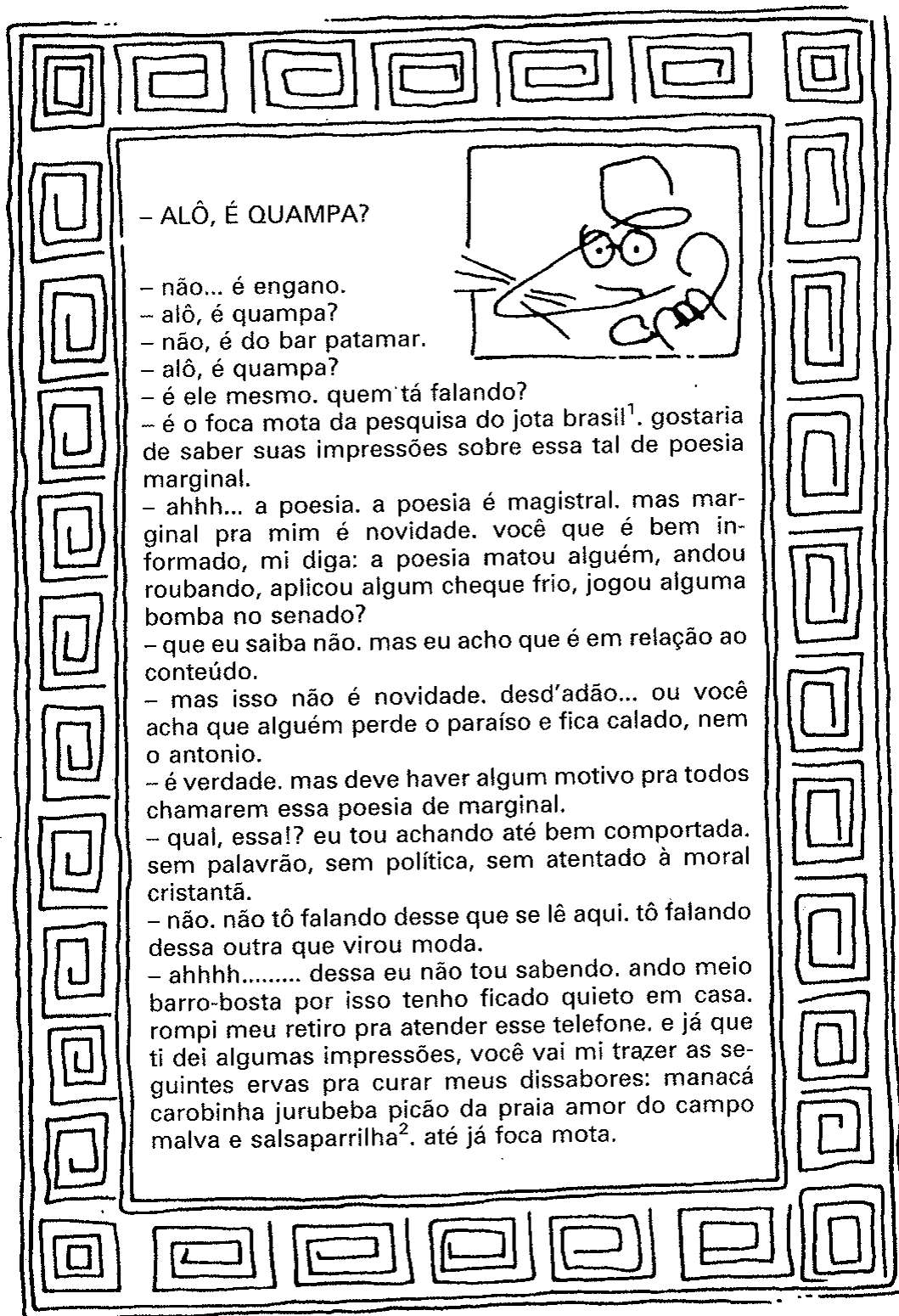
Posteriormente, como uma forma de manifestação, a poesia ultrapassa o papel e chega aos muros pelas pichações. Ao mesmo tempo em que acontecia o movimento marginal, o país enfrentava a Ditadura Militar (1964 – 1984). Com AI-5<sup>1</sup> a liberdade de expressão ficou extremamente comprometida e a poesia pichada foi uma das formas encontradas para manifestar-se. De acordo com Ana Cristina César (*Literatura marginal e o comportamento desviante*, p. 123), a *marginalidade* é uma possibilidade de agressão e transgressão. Pelo artifício poético poder-se-ia atingir o sistema opressor. Nesse contexto muitos poetas trabalhavam no anonimato, porque se eram pegos se rebelando contra esse sistema, provavelmente seriam torturados e/ou mortos.

Mas independente do modo de divulgação da poesia as características se mantêm. A Poesia Marginal é completamente descompromissada com o padrão literário, não se preocupa com a simetria dos versos como se preocupavam os parnasianos, em que a simetria era constante, por exemplo, o primeiro verso continha dez sílabas, o segundo verso doze, e o terceiro novamente dez.

O poema a seguir marca bem a coloquialidade com as expressões *tô*, *tou* e *mi diga*, além de várias outras. Percebe-se a irregularidade na pontuação e início de frase, por exemplo. Após um ponto final, a frase é iniciada com letra minúscula. E isso subverte o padrão escrito esperado. A linguagem coloquial e espontânea, a fuga de algumas palavras do padrão culto da língua portuguesa e a pontuação irregular, também são características marcantes da poesia marginal.

---

<sup>1</sup> Ato Inconstitucional nº5, o quinto de uma série de decretos emitidos pelo Regime Militar Brasileiro, baixado em 13 de dezembro de 1968. Suspendia muitas garantias constitucionais como: direito ao voto e de ser votado nas eleições sindicais, proibição de manifestações sobre política, proibição de frequentar determinados lugares e censura à imprensa, à literatura, à música, ao teatro e ao cinema.



- ALÔ, É QUAMPA?

- não... é engano.

- alô, é quampa?

- não, é do bar patamar.

- alô, é quampa?

- é ele mesmo. quem tá falando?

- é o foca mota da pesquisa do jota brasil<sup>1</sup>. gostaria de saber suas impressões sobre essa tal de poesia marginal.

- ahhh... a poesia. a poesia é magistral. mas marginal pra mim é novidade. você que é bem informado, mi diga: a poesia matou alguém, andou roubando, aplicou algum cheque frio, jogou alguma bomba no senado?

- que eu saiba não. mas eu acho que é em relação ao conteúdo.

- mas isso não é novidade. desd'adão... ou você acha que alguém perde o paraíso e fica calado, nem o antonio.

- é verdade. mas deve haver algum motivo pra todos chamarem essa poesia de marginal.

- qual, essa!? eu tou achando até bem comportada. sem palavrão, sem política, sem atentado à moral cristantã.

- não. não tô falando desse que se lê aqui. tô falando dessa outra que virou moda.

- ahhhh..... dessa eu não tou sabendo. ando meio barro-bosta por isso tenho ficado quieto em casa. rompi meu retiro pra atender esse telefone. e já que ti dei algumas impressões, você vai mi trazer as seguintes ervas pra curar meus dissabores: manacá carobinha jurubeba picão da praia amor do campo malva e salsaparrilha<sup>2</sup>. até já foca mota.

(Chacal, *Quampérius vida e obra*)

(CAMPEDELLI, 1995, p. 47)

Muitos poemas apresentam ambiguidade em seu título e conteúdo, como o poema a seguir. O título *SOS* pode ser o habitual pedido de socorro, mas também cabe à interpretação a palavra *Sós*, devido ao contexto do livro do qual foi retirado, *América*.

### **SOS**

tem gente morrendo de medo  
tem gente morrendo de esquistossomose  
tem gente morrendo de hepatite e meningite sífilite  
tem gente morrendo de fome  
tem muita gente morrendo por muitas causas  
nós que não somos médicos psiquiatras  
nem ao menos bons cristãos  
nos dedicamos a salvar pessoas que como nós  
sofrem de um mal misterioso: o sufoco

(Chacal, *América*) (CAMPEDELLI, 1995, p. 46)

A ironia, o escárnio, o deboche e o protesto também são muito utilizados, uma vez que o intuito da poesia marginal é realmente desconstruir o padrão poético, para isso, além de palavras, o poema também poderia ser composto por elementos visuais, colagens e fotografias.

E já que tocamos no *assunto*, os temas abordados eram os mais diversos, a realidade imediata; tudo o que estava acontecendo ao redor dos poetas era uma inspiração, como a política, criticava-se o regime militar, suas ações e repressões. A religião também era um alvo. O próprio Nicolas Behr estabelece uma relação entre seu poema, fazendo referência ao conteúdo bíblico, caracterizando intertextualização. O amor e a sexualidade também eram abordados.

Em síntese, a poesia marginal caracteriza-se pelo descompromisso com o padrão literário e poético, pelo modo precário de produção e comercialização, também é marcada pela ironia, deboche, protesto, intertextualização e utilização de recursos visuais em sua composição. A partir dessas características principais, e das já trabalhadas anteriormente, serão analisadas as obras poéticas do autor Nicolas Behr.



## A produção poética de Nicolas Behr no contexto da poesia marginal

O poeta marginal Nicolas Behr nasceu em 1958 na capital de Mato Grosso, Cuiabá. Casou-se em 1986 com Alcina Ramalho e tem três filhos. Desde 1974 mora em Brasília. No ano de 1977, ele lançou seu primeiro livreto mimeografado *Iogurte com poesia*, o qual teve 8.000 cópias vendidas de mão em mão. Em 1978, o autor foi preso e processado pelo DOPS por porte de material pornográfico, mas eram apenas materiais de seus livretos *Grande circular*, *Caroço de goiaba* e *Chá com porrada*. No ano seguinte, foi julgado e absolvido. Após esse fato, Nicolas Behr foi impedido judicialmente de publicar suas produções, mas ele produziu *O que me der na telha*. Os poemas não eram escritos em papel, mas em telhas frescas e depois eram queimadas.

Em 1980, começou a trabalhar em agências de publicidade como redator, mas abandonou a profissão seis anos depois para trabalhar na Fundação Pró-Natureza (FUNATURA), no qual ficou até 1990. Três anos depois, voltou a publicar livros de poesia, lançando *Porque Construí Braxília*. Várias pessoas defenderam dissertações de mestrado relacionadas às obras de Nicolas Behr. Em 2004, o jornalista Carlos Marcelo publicou *Nicolas Behr – Eu Engoli Brasília*, biografia de Behr. Quatro anos depois, o livro *Laranja Seleta – poesia escolhida – (1977 – 2007)*, do poeta marginal, foi finalista do Prêmio Portugal Telecom de Literatura.

Vimos que o comércio da poesia marginal se dava principalmente na zona Sul do Rio de Janeiro, mas Nicolas Behr morava em Brasília, e um dos principais temas abordados em seus poemas é essa cidade. O autor cita muito a avenida W3, localizada na região Sul e Norte do Plano Piloto, e também a avenida L2, localizada também na região Sul e Norte, essa avenida liga o Eixo Monumental e a Esplanada dos Ministérios, ambas as avenidas são muito importantes.

alguma coisa acontece  
no meu coração  
que só quando cruzo  
a W3 L2 sul  
ou eixão

(Behr, *Vinde a mim as palavrinhas*)

Os poemas analisados fazem parte dos livros *Restos vitais* e *Vinde a mim as palavrinhas*, o qual faz intertexto com o trecho bíblico de Mateus: “Vinde a mim as

criancinhas”. Nicolas Behr apresenta em seus poemas um caráter cômico, irônico, coloquial e faz críticas socioeconômicas ao sistema capitalista e ditatorial, até então essas características condizem com as da Poesia Marginal, mas veremos a seguir em que aspectos o autor se desvia dessa essência marginal.

Nicolas Behr faz uma carnavalização da tradição, principalmente da Bíblia e do movimento modernista.

“Na concepção de Bakhtin a carnavalização não é um esquema externo e estático que se sobrepõe a um conteúdo acabado, mas uma forma flexível de visão artística, uma espécie de princípio holístico que permite descobrir o novo e o inédito. O carnaval na concepção do autor é o *locus* privilegiado da inversão, onde os marginalizados apropriam-se do centro simbólico, numa espécie de explosão de alteridade, onde se privilegia o marginal, o periférico, o excludente.”

(SOERENSEN, - , p. 320).

O autor marginal se apropria dos poemas modernistas, que seriam o centro simbólico, e os inverte, gerando a ironia ou comicidade. E aqui encontramos um empecilho para os leitores desses poemas. Para que sejam compreendidos, é necessário conhecimento dos poemas e poetas modernistas. Isso gera uma restrição do público, contrariando assim a Poesia Marginal, que tem como principal objetivo alcançar a todos, sem exceção. Portanto, para utilizar esses aspectos tradicionais, Nicolas Behr têm que conhecê-los e dominá-los. Então, o autor permite conhecimento do tradicional para negá-lo e rejeitá-lo.

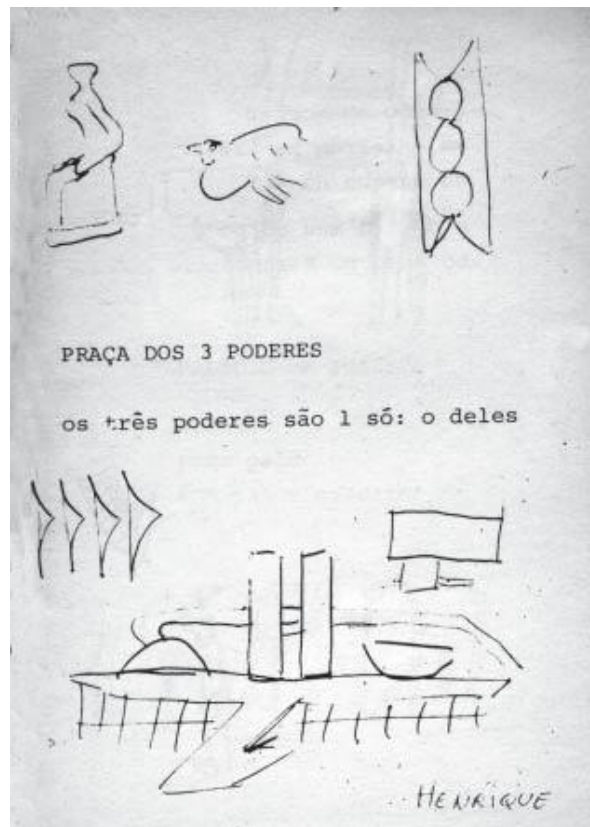
Convenhamos que usar de poemas prontos é mais fácil que sua produção, é como uma paródia, construída em pouquíssimo tempo. Precisa-se apenas ajeitar uma ideia sobre o que já foi concretizado. Essa produção rápida e imediatista proporciona uma produção em grande quantidade e, em alguns casos, de baixa qualidade para os padrões literários.

lucre, viva!  
viver dá lucro?  
perguntou a máquina  
registradora pro cara  
do caixa?  
“meu capital é o homem”  
disse stalin num estalo  
e quantos ele não matou?

(Behr, *Vinde a mim as palavrinhas*)

se é para o bem de todos  
e a felicidade geral da nação  
diga ao povo  
que direitos, direitos,  
humanos à parte

(Behr, *Restos vitais*)



(Behr, *Vinde a mim as palavrinhas*)

Os três poemas anteriores exemplificam a abordagem da crítica política nos poemas de Nicolas Behr. No início do primeiro poema, é desenvolvida uma crítica ao capitalismo, mostrando que não é a máquina que produz lucro e sim o homem, mas ele também é capital por causa da sua força de trabalho, pois, sem trabalho não há capital e não há lucro. O autor também critica Stalin, ditador comunista russo, que marcou seu regime pelos progressos, mas também pelas execuções e violações aos direitos humanos. Durante seus trinta anos de governo, milhares de pessoas foram mortas, Nicolas Behr questiona: *e quantos ele não matou?* O poeta até faz um trocadilho com o nome do ditador: *disse Stalin num estalo*.

O segundo poema faz intertexto com a fala de Dom Pedro I: “*se é para o bem de todos e a felicidade geral da nação, estou pronto! Digam ao povo que fico*”. Sob o contexto histórico, podemos identificar a crítica de Behr e interpretar que o povo estava sendo privado de seus direitos, como se sabe, e já mencionado anteriormente, durante o período da ditadura, houve a violação da liberdade e também há relatos de extremas torturas, o que evidencia a quebra dos direitos humanos.

Por fim, o terceiro poema, além da composição escrita conta com a ilustração de Henrique, que apresenta o Planalto Central: a Praça dos Três poderes representa os poderes Judiciário, Legislativo e Executivo. O autor diz que *os três poderes são um: o deles*. Todos esses aspectos nos direcionam a interpretar que *eles* são os políticos, os juízes, os ministros, os parlamentaristas e o presidente. Ou seja, o poder está concentrado na mão de poucos.

LORCA BRASILIENSIS  
plano que te quero piloto  
super que te quero quadra  
dabelhu que te quero três  
éle que te quero dois  
grande que te quero circular  
cidade que te quero satélite  
pastel que te quero caldo  
iogurte que te quero farinha  
cerrado que não te quero soja

(Behr, *Vinde a mim as  
palavrinhas*)

Verde que te quero verde.  
Verde vento. Verdes ramas.  
O barco vai sobre o mar  
e o cavalo na montanha.  
Com a sombra pela cintura  
ela sonha na varanda,  
verde carne, tranças verdes,  
com olhos de fria prata.  
Verde que te quero verde.

(Lorca, Romance sonâmbulo)

*Lorca's brasiliensis* faz intertexto com o poema *Romance sonâmbulo* de Frederico Garcia Lorca, poeta e dramaturgo modernista espanhol. Durante todos os versos o poeta marginal faz afirmações, exceto no último, onde se encontra a crítica, *cerrado que não te quero soja*, ou seja, a vegetação do cerrado está sendo extraída para dar lugar a grandes plantações de soja, e isso gera impacto ambiental.

DRUMMOND  
BRASILIENSIS  
brasília, e agora?  
com o avião na pista,  
quer levantar vôo,  
não existe vôo...  
quer se afogar no lago  
mas o lago secou...  
quer falar  
com o presidente  
mas este viajou...  
quer se esconder  
no cerrado,  
o cerrado acabou...  
quer ir pra goiás,  
goiás não há mais...  
brasília, e agora?

(Behr, *Vinde a mim as palavrinhas*)

E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?...  
Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mais.  
José, e agora?

(Drummond, *E agora, José?*)

O poema *Drummond Brasiliensis* faz intertexto com *E agora, José?*, de Carlos Drummond de Andrade. Vários aspectos podem ser observados. Nicolas Behr retoma a questão do cerrado no verso em que diz: *o cerrado acabou*. A política também é abordada quando o presidente é citado, ao marcar a ausência do mesmo mostra-se a falta de seriedade para com o povo. E também critica o aeroporto de Brasília, pois, na época era considerado um dos piores do Brasil.

não sou alegre  
nem sou poeta  
sou triste

(Behr, *Vinde a mim as palavrinhas*)

No poema acima o autor marginal utilizou apenas a inversão do segundo e do terceiro verso, que mudou completamente o sentido do poema original *Retrato*, de Cecília Meireles, de poeta o eu-lírico passa a ser triste.

enquanto isso  
oswald de andrade  
de cotonetes na mão  
limpa a orelha  
do meu livro

(Behr, *Vinde a mim as palavrinhas*)

mate-se  
você nunca mais  
pensará em suicídio

(Behr, *Vinde a mim as palavrinhas*)

Os dois poemas acima caracterizam bem a ironia e o humor do autor. O primeiro por zombar do poeta modernista Oswald de Andrade e o segundo está ainda mais explícito.

### **Considerações finais**

Tendo em vista a exposição característica da Poesia Marginal e a análise realizada dos poemas de Nicolas Behr da década de 1970, concluo que, nesse período, o autor foi sim um poeta marginal, com um pequeno desvio por restringir o público, ao incorporar em seus poemas um conhecimento, sobre escritores e poemas modernistas, que não eram dominados por todos, muito menos pelos que estavam à margem da sociedade, aspecto que contrariava o alcance da Poesia Marginal, o qual deveria ser o mais abrangente possível. No entanto, a originalidade do poeta era baseada na inversão e na intertextualização, fugindo do padrão estético literário consagrado, validando o aspecto marginal. Além de ter abordado temas que eram característicos da marginalidade.

Ressalta-se, portanto, a importância histórica e sociocultural deste movimento da poesia marginal que, conforme pretendeu, alcançou o objetivo de criticar, contestar, ironizar, protestar e gritar contra uma série de acontecimentos políticos, sociais, culturais e econômicos do Brasil na década de 70.

## Referências Bibliográficas

BEHR, Nicolas. *Nicolas Behr Poesia Pau – Brasília*. Nicolas Behr. Disponível em: <<http://www.nicolasbehr.com.br/>>. Acesso em: 17 Nov. 2015.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Poesia marginal dos anos 70*. São Paulo: Scipione, 1995.

JÚNIOR, Arnaldo Nogueira. *Romance sonâmbulo*. Releituras- textos. Disponível em: <[http://www.releituras.com/fglorca\\_sonambulo.asp](http://www.releituras.com/fglorca_sonambulo.asp)>. Acesso em: 01 Dez. 2015.

PEREIRA, Carlos Alberto Messenger. *Retrato de época: poesia marginal dos anos 70*. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.

SOERENSEN, Claudiana. Carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin. Disponível em: <[e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/4370/3889](http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/4370/3889)>. Acesso em: 26 Nov. 2015.

WIKIPÉDIA. *Josef Stalin*. Wikipédia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Josef\\_Stalin](https://pt.wikipedia.org/wiki/Josef_Stalin)>. Acesso em: 01 Dez. 2015.